

# Apresentação

A América do Sul parecia uma exceção que, mesmo longe de paradisíaca, destoava para melhor no mundo pós-Guerra Fria. Hoje o cenário é oposto, mas a mudança não foi tão brusca. Aqui se desenvolviam fortes lutas sociais que, para muitos, sinalizavam, em maior ou menor medida, novas perspectivas de reforma ou mesmo de transformação social.

Os primeiros sinais de mudança de reversão surgiram na América Central e Caribe, foram quase despercebidos. Golpe parlamentar apoiado pelos EUA contra Manuel Zelaya, presidente de Honduras, no final de junho de 2009. A longa acolhida ao presidente na embaixada brasileira foi fragilíssima diante do apoio aos golpistas dado pela maior potência político-militar do planeta. Da mesma forma, a fortíssima presença militar estadunidense (não autorizada pela ONU) no Haiti logo em seguida ao terremoto que abalou o país em 12 de janeiro de 2010, demonstrou quem detém o comando efetivo na região. Como em todo clichê existe um grão de verdade, não deixou de ser reconfortante a explicação de que alguns governos progressistas, especialmente o do Brasil, que comanda militarmente a Minustah, confundiram América do Sul com América Central, esta, de fato, com a exceção de Cuba, território sob dominação mais direta dos EUA.

Não precisou muito tempo para que uma anomalia colocasse esta certeza em questão. Em 22 de junho de 2010, no coração da América do Sul, o Senado paraguaio executou um golpe parlamentar contra o presidente Fernando Lugo, que não esboçou qualquer ato de resistência. Mesmo assim, a suspensão deste país da condição de membro do MERCOSUL, com a correspondente abertura de uma brecha para o ingresso da Venezuela, produziu uma espécie de alívio e turvou a visão da ofensiva da direita no subcontinente. Até porque, finalmente, a importância política do Paraguai não era considerada das maiores. A apertada vitória de Hugo Chávez contra Henrique Capriles Radonski nas eleições presidenciais de 7 de outubro de 2012, seguida do agravamento do estado de saúde e morte do presidente, acenderam o sinal de alerta. Mas o alarme disparou a partir do redirecionamento das manifestações de junho de 2013 no Brasil. Rapidamente a direita aprendeu a fazer manifestações de massa neste país-chave do subcontinente e teve grande sucesso em desagregar as bases que até então pareciam sólidas de quarto governo sucessivo chefiado pelo Partido dos Trabalhadores. A partir de então, explicitou-se a presença crescente de uma direita

com enraizamento social e dotada de importantes dispositivos organizacionais. O grande problema que ainda permanece consiste em explicar as determinações desta presença, o que passa por estudar sua representatividade social, suas formas de organização, seus conteúdos doutrinários, seus vínculos nacionais e internacionais, os meios de comunicação de que dispõe, seus intelectuais orgânicos. Estudos não faltam, porém, muita pesquisa se faz necessária. É o que demonstram, com análises incisivas e nem sempre convergentes, os textos do presente dossiê, coordenado por Eliel Machado, Fábio Luís Barbosa dos Santos e Gonzalo Adrián Rojas.

Franck Gaudichaud centra o foco no exame dos processos argentino e venezuelano para tentar uma análise de conjunto do fim do ciclo de governos progressistas na América do Sul. Napoleón Salto Galarza procura demonstrar como, no Equador, a “Revolución Ciudadana” produz seus próprios limites a partir das múltiplas e contraditórias dimensões que a constituem. A crise política venezuelana também é abordada por dois autores, Alex Novaes Dancini e Jose Joaquim Pereira Melo, que, ao retrabalharem o conceito de caudilhismo, podem contribuir para o exame do conjunto dos processos analisados no dossiê.

Gonzalo Adrian Rojas e Shimenny Ludmilla Araújo Wanderley, por meio de um estudo preliminar dos nexos entre lutas de classes, bloco no poder, regime e governo, chegam a uma conclusão surpreendente sobre o Chile: apesar da existência de sistema pluripartidário, eleições diretas e governos liderados por um partido que se denomina socialista, a hegemonia da burguesia compradora suporta uma espécie de ditadura reciclada, situação que oculta a presença de uma direita que, a rigor, nunca se foi. Também recorrendo ao conceito de bloco no poder, Francisco J. Cantamutto trabalha com a hipótese de que, na Argentina, o kirchnerismo foi determinado por uma hegemonia mais aberta à participação popular, ao contrário do que se passa agora no contexto de uma verdadeira crise de hegemonia no interior do referido bloco e um governo de direita.

Cinco artigos contemplam diretamente o Brasil. Laurent Delcourt faz um detalhado esforço empírico para demonstrar a hipótese de que se constituiu no Brasil uma espécie particular do Tea Party estadunidense. Jefferson Barbosa analisa a ampla e consolidada teia de think tanks da direita no Brasil, bem como as conexões internacionais. Ronaldo Gaspar recorre ao conceito de via colonial para explicar os limites e a responsabilidade de governos de esquerda que, na incapacidade de politizar as classes populares, abriram caminho objetivamente para o avanço da direita. Ilse Gomes Silva, centrando o foco em um outro ângulo do problema, analisa a conjuntura brasileira à luz da ascensão da direita. E Guilherme Gomes Ferreira examina como as questões de gênero e diversidade sexual ocupam um lugar privilegiado entre os alvos da direita, ao mesmo tempo em que reflete sobre as perspectivas de resistência a esta ofensiva.

Enfim, Valter Pomar, a partir do exame da atuação do Foro de São Paulo, apresenta elementos importantes para o balanço das vitórias da esquerda na América Latina, as quais não foram acompanhadas de um debate estratégico. Enfraquecida por esta ausência, e às voltas com a contraofensiva da direita, cabe-lhe inserir na estratégia de construção do socialismo no mundo contemporâneo um esforço que recebeu pouquíssima atenção: o de elaborar uma estratégia de combate ao capitalismo do século XXI.

No seu todo, o dossiê contribui para a percepção de que o avanço da direita na América do Sul é um fenômeno profundo e consistente e refratário a análises simplistas. Uma hipótese subjacente a todos os textos é que as forças democráticas e de esquerda foram desatentas a ele, o que não é indiferente à extrema dificuldade que encontram para resistir.

Os três artigos que estão fora do dossiê, elaborados por Marcos del Roio (Capitalismo e revolução em Caio Prado Jr.), Cristiano Lima Ferraz e José Jackson Reis dos Santos (Marxismo, teoria social e Área do Trabalho e Educação) e Fabiana Sanches Grecco (Uma crítica à Economia Solidária e à Feminista: o extenuante trabalho, ao contribuírem para a análise de questões candentes para as lutas populares no Brasil e no mundo, além do valor intrínseco de suas teses, fornecem suportes para a análise dos temas abordados no dossiê.

Três resenhas fecham este número de Lutas Sociais que submetemos à apreciação de nosso(a)s leitor(a)s. Como de costume, críticas serão bem-vindas.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida  
(Editor)